

Dia da Consciência Negra: Auditores negros de Salvador vêem o racismo no Brasil de forma camuflada

Jornalismo DS Salvador

Em todo o Brasil é comemorado no dia 20 de novembro o Dia da Consciência Negra, e o Unafisco Sindical Salvador não poderia ficar de fora desse momento de grande importância para o povo negro brasileiro. Por conseguinte, nada mais coerente que ouvir os AFRFB de Salvador negros (as) da RFB 5ª Região Fiscal para saber qual a avaliação que fazem do racismo no Brasil, como se sentem trabalhando na Receita e se sofrem ou já passaram por algum tipo de discriminação na esfera de trabalho.

Não poderíamos comemorar este dia, sem lembrar do líder Zumbi de Palmares, um dos principais representantes da resistência negra à escravidão na época do Brasil Colonial. Zumbi foi líder do Quilombo dos Palmares, comunidade livre formada por escravos fugitivos das fazendas. O Quilombo dos Palmares estava localizado na região da Serra da Barriga, que, atualmente, faz parte do município de União dos Palmares (Alagoas). Na época em que Zumbi era líder, o Quilombo dos Palmares alcançou uma população de aproximadamente trinta mil habitantes com negros, índios e judeus que estavam fugindo da Inquisição. (veja mais sobre Zumbi no link "Artigos dos Auditores", na matéria "Reflexão sobre o dia da consciência negra", no site da DS Salvador)

O escritor e auditor-fiscal Nilo Rosa dos Santos (SEFIS) acredita que o racismo no Brasil é pior que nos Estados Unidos, porém, segundo ele, estamos avançando muito lentamente. Nilo ressaltou ainda que as ações afirmativas são importantes para a diminuição das desigualdades, porém são bloqueadas por interesses particulares.

Como auditor negro, Nilo Rosa disse se sentir como todo trabalhador negro no Brasil. Com as mesmas dificuldades, principalmente restrições às liberdades individuais. Sobre ter sofrido algum tipo de discriminação no ambiente de trabalho, Nilo respondeu que, por diversas vezes, os contribuintes perguntam se ele é mesmo Auditor.

O auditor Salomão Vieira dos Santos (SEORT), membro do Grupo de Reflexões "Auditores Negros e Negras", vê o racismo no Brasil com muita apreensão, e conforme ele, a forma camarada e gentil com a qual o tema é tratado esconde um escândalo incomensurável. "O Brasil abriga diversas etnias, porém a nossa é a única que veio via seqüestro e não por ato de vontade. Pior, tivemos que esquecer a língua natal e a família foi sumariamente dilacerada. Para nós, não valeu a máxima de que a família é a célula mater da sociedade. E não parou aí. Religiões de matriz-afro foram proibidas, mesmo após a proclamação da república, e desde a chegada ao Brasil os sobrenomes foram literalmente trocados por ícones católicos. Por isso proliferam entre nós sobrenomes como: dos Santos, da Conceição, de Santana, da Cruz, do Amor Divino, Bispo, dos Anjos, do Espírito Santo etc. Os quais, em verdade, foram designações para se distinguir res (coisas) e não pessoas. Falta espaço para esse debate".

Ainda de acordo com Salomão, a condição de auditor, pensada como função de boa visibilidade social, não supera a discriminação, uma vez que o racismo tende a se

irradiar no mesmo extrato e mais intensamente a advinda de camada social superior. Neste ponto não há diferença no racismo, salvo a sofisticação na forma de exclusão, pois, o racismo é um ataque coletivo com um dano também coletivo. Ninguém escapa, mesmo que fique rico... (risos).

Salomão afirmou que já foi discriminado no ambiente de trabalho. Segundo ele, o contribuinte quando procura um auditor, dificilmente se dirige a mim. Mas essa pergunta seria melhor respondida por quem pratica o racismo, pois o discriminado não sabe de toda maldade nem da supressão de oportunidade de que é vítima. "Recentemente houve o "caso dos calendários" da RFB, os quais, por três anos consecutivos, nos apresentavam em situação vexatória. Quando iniciamos uma reclamação fomos acusados de querer derrubar o então Secretário da Receita, vê se pode?"

A AFRFB Rosana Maritea Machado Soares (SEORT) vê o racismo no Brasil de uma forma camuflada. "As pessoas têm dificuldade de admitir explicitamente essa posição, porém, atitudes demonstradas em diversas situações confirmam, infelizmente, que ele está presente. É importante ter essa consciência, pois, é a partir dela que podemos lutar para que essa realidade se transforme, conquistando os espaços a que temos direito enquanto cidadãos que somos!"

De acordo com Rosana, como auditora negra ela sabe que faz parte de uma minoria privilegiada. "É fato que no Brasil o número de negros que têm acesso à escolaridade é muito aquém do que se pode chamar de justo... Tenho orgulho de todas as batalhas que enfrentei e venci e é por meio dessas experiências e dos resultados obtidos que passo a meus filhos a idéia de que se temos que nos superar a cada dia pra demonstrar que temos valor, então é o que deve ser feito".

Rosana disse que nunca foi discriminada no ambiente de trabalho por ser negra, embora já o tenha sido em outras situações. "De certa forma esse tipo de experiência nos torna mais preparados diante dessas adversidades... Posso dizer que é um exercício de apropriação do papel de mulher negra e vencedora, em um mundo onde se tem que transformar dificuldade em aprendizado e superação".

Para o auditor Ademilson Aleluia dos Anjos da Conceição (ESPEI/SDR), negar o racismo no Brasil é uma atitude de desconhecimento das próprias origens. "Não podemos apagar da história as condições em que os negros foram trazidos ao Brasil e a forma como essas relações foram construídas ao longo dos tempos. Embora o país conviva com a suposta igualdade de oportunidades, esconde um racismo velado, o que o torna mais difícil de ser combatido".

Como auditor negro Ademilson disse que se sente num país onde as oportunidades econômicas e profissionais são acessíveis a uma minoria. "Acredito que todo avanço tem um sabor de conquista histórica. Reconheço, porém, que devemos lutar e investir num amplo movimento ascendente da classe negra brasileira".

